



ENCONTRO

# Educação e Participação Social Conquistas e Desafios

## A descoberta do mundo pela leitura

Milton Hatoum<sup>1</sup>

Quero expressar meus sinceros agradecimentos a Paulo Castro, Milton Lucato e Rebecca Raposo pelo convite para dar esta conferência de abertura.

Num domingo já distante, ganhei de aniversário um presente ao mesmo tempo insólito e inesquecível, que foi um marco na minha infância em Manaus: pela primeira vez ouvi uma história de meu avô materno. Era um relato fantasioso, narrado por um homem cujo dom de contador de histórias era inequívoco, pois a voz e os trejeitos dele magnetizavam as crianças que o ouviam. Por três ou quatro anos, várias tardes de domingo foram habitadas por essa voz que nos conduzia a lugares longínquos, onde havia peripécias fabulosas vividas por personagens não menos fabulosos, mas que às vezes pareciam seres reais, tão reais que podíamos imaginá-los à nossa frente. Mais de 15 anos depois, descobri que essas histórias eram adaptações livres de vários contos do *Livro das Mil e Uma Noites*, que, sem dúvida, meu avô havia lido em seu Líbano natal.

Outras narrativas referiam-se a viagens ao interior do Amazonas, onde esse mesmo avô mascateava tecido, roupas e outras mercadorias. Mas não era apenas essa voz masculina e patriarcal que dava asas à nossa imaginação. A mulher que trabalhava na minha casa – o certo seria dizer: que penava na minha casa – era uma cabocla que também contava histórias, mas bem diferentes das do meu avô. Eram histórias de seres encantados e demônios da floresta, lendas indígenas, ou episódios do cotidiano de pessoas que viviam em povoados isolados à margem do rio Negro e, de certo modo, à margem da sociedade.

Essas narrativas foram, simbolicamente, os primeiros livros da minha vida. As vozes com suas histórias tinham algo do devaneio e tendiam ao romanesco, cuja origem se perde na noite sem tempo dos contos populares. E tanto os narradores quanto algumas de suas histórias foram importantes para o meu trabalho de escritor. Não poderia ter escrito *Órfãos do Eldorado* sem a memória dessas vozes. O conto *Adeus ao Comandante* (do livro *A Cidade Ilhada*) foi inspirado na figura do meu avô materno. O tema desse conto é o fascínio da narrativa oral numa tarde em que alguns jovens estão reunidos diante de um aparelho de tevê, à espera da primeira transmissão de um programa televisivo em Manaus, no final da década de 1960.

---

(1) Milton Hatoum nasceu em Manaus (AM), em 1952. É autor de quatro romances premiados e traduzidos para mais de dez línguas: *Relato de um Certo Oriente* (Companhia das Letras, 1989), *Dois Irmãos* (Companhia das Letras, 2000), *Cinzas do Norte* (Companhia das Letras, 2005) e *Órfãos do Eldorado* (Companhia das Letras, 2008). Lecionou literatura francesa na Universidade Federal do Amazonas, foi professor visitante da Universidade da Califórnia (Berkeley) e escritor residente nas universidades norte-americanas de Stanford, Yale e Berkeley. Em 2009, publicou o livro de contos *A Cidade Ilhada* (Companhia das Letras). Mora em São Paulo e é colunista do Caderno 2 no jornal *O Estado de S.Paulo*.

## Educação e Participação Social Conquistas e Desafios

Quando penso na relevância da leitura e no seu papel central na formação da cidadania, penso também na qualidade da escola pública. Talvez minha geração seja um elo perdido entre os anseios e promessas de uma educação pública de qualidade e o des-caso a essa política educacional durante o regime militar. A interrupção brusca e brutal do processo democrático teve repercussões graves na qualidade do ensino público e, conseqüentemente, na sociedade brasileira. Todos sabem como tem sido penoso reparar esta falha histórica. Mas penso que a literatura pode aguçar a sensibilidade dos leitores e, não raramente, dotá-los de uma consciência crítica sobre a nossa sociedade e o tempo em que vivemos. Basta lermos *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, ou um poema de Carlos Drummond de Andrade sobre o medo, ou tantos outros poemas do livro *A Rosa do Povo*. Neste sentido, a literatura, sem ser panfletária ou rasa, pode muito bem contribuir para a formação da cidadania.

Um dos aspectos mais relevantes da ficção é conduzir o leitor para um mundo desconhecido, um outro mundo, inventado pela linguagem. Durante a leitura de um texto ficcional há um deslocamento ou suspensão momentânea da realidade. É como se leitor fosse um viajante imóvel, e quase sempre essa viagem ao microcosmo da ficção é um processo de conhecimento. Isso aconteceu comigo quando li *Infância*, de Graciliano Ramos, talvez o romance mais marcante da minha juventude e, sem dúvida, decisivo na minha formação de leitor. Ao entrar em contato com o universo ficcional do escritor alagoano, me deparei com o interior do Nordeste: um mundo distante, totalmente diferente da minha terra natal. As lições de geografia não bastavam para entender nem sentir o Nordeste brasileiro. Usei o verbo sentir porque os sentimentos, a subjetividade e o viés psicológico das personagens são recursos poderosos da ficção, pois se projetam na consciência do leitor, que vivencia dramas, conflitos, pensamentos, emoções e ações.

Não foi fácil ler *Infância* aos 15 anos. Aliás, este livro não é fácil nem mesmo para um leitor atento e experiente. O autor de *Vidas Secas* foi um cultor do estilo, e nele, mais do que em qualquer outro escritor, o estilo é o homem. Em cada página o leitor percebe a aspereza da vida e da paisagem, a brutalidade da ordem social, o modo de ser das personagens, muitas delas transtornadas diante de uma situação-limite, seja na vida amorosa e passional, seja na realidade adversa em que vivem e nas miudezas do cotidiano. Mas nos romances e contos de Graciliano não há nenhum pendor à generalização ou à explicação. A literatura – e a obra de Graciliano é um exemplo – enfatiza o particular, esmiúça o conflito de uma ou várias personagens e aprofunda a relação dessas personagens com o meio social.

Li *Infância* como se lê um livro de memórias. Eu pensava que tudo no livro havia de fato acontecido. A vida da criança, contada por um narrador em primeira pessoa, contaminou a ingenuidade do leitor jovem e imaturo. Quanto sofrimento nas páginas deste livro. E quantas personagens densas, situações de conflitos físicos e morais, recortes históricos, paisagens e deslocamentos povoam as páginas dessas memórias. Aos 15 anos de idade, eu podia acreditar em tudo, porque esta não é a idade do leitor ideal, do leitor crítico. Sem distanciamento, sem mesmo entender as artimanhas do jogo ficcional – sua construção artificiosa e calculada –, eu apenas passeava na superfície do texto. Mas esta

leitura superficial já é sugestiva até mesmo para leitores inexperientes, pois ela lhes dá a dimensão humana das personagens que vão tecendo a trama de *Infância*. Eu podia “ver” o pai e a mãe do narrador e compará-los com os meus pais e os dos meus amigos. Pensava a mesma coisa a respeito de outras personagens que convivem com o narrador: os tios, a prima, os professores, os comerciantes, o padre. Todos haviam existido na infância do menino. E a existência deles adquiria vida e espessura por meio da voz, do aspecto físico, das atitudes, do pensamento de cada ser.

Lembro que uma das passagens que mais me impressionaram neste romance é a surra que o pai dá no filho num dos momentos mais dramáticos da relação conflituosa entre ambos. Vou ler para vocês dois breves trechos desse episódio que, a meu ver, é um dos mais fortes da nossa prosa contemporânea:

*“Havia uma neblina, e não percebi direito os movimentos de meu pai. Não o vi aproximar-se do torno e pegar o chicote. A mão cabeluda prendeu-me, arrastou-me para o meio da sala, a folha de couro fustigou-me as costas. Uivos, alarido inútil, estertor. Já então eu devia saber que rogos e adulações exasperavam o algoz. Nenhum socorro. José Baía, meu amigo, era um pobre-diabo.*

*Achava-me num deserto. A casa escura, triste; as pessoas tristes. Penso com horror nesse ermo, recordo-me de cemitérios e de ruínas mal-assombradas. Cerravam-se as portas e as janelas, do teto negro pendiam teias de aranha. Nos quartos lúgubres minha irmãzinha engatinhava, começava a aprendizagem dolorosa.*

*Junto de mim, um homem furioso, segurando-me um braço, açoitando-me”.*<sup>2</sup>

Mais adiante, o narrador escreve:

*“Solto, fui enroscar-me perto dos caixões, coçar as pisaduras, engolir soluços, gemer baixinho e embalar-me com os gemidos. Antes de adormecer, cansado, vi meu pai dirigir-se à rede, afastar as varandas, sentar-se e logo se levantar, agarrando uma tira de sola, o maldito cinturão, a que desprendera a fivela quando se deitara. Resmungou e entrou a passear agitado. Tive a impressão de que ia falar-me: baixou a cabeça, a cara enrugada serenou, os olhos esmoreceram, procuraram refúgio onde me abatia, aniquilado.*

*Pareceu-me que a figura imponente minguava – e a minha desgraça diminuiu. Se meu pai se tivesse chegado a mim, eu o teria recebido sem o arrepio que a presença dele sempre me deu. Não se aproximou: conservou-se longe, rondando, inquieto. Depois se afastou”.*<sup>3</sup>

(2) RAMOS, Graciliano. *Infância*. Rio de Janeiro: Record, 2003, p. 36.

(3) RAMOS, Graciliano. *Infância*. Rio de Janeiro: Record, 2003, p. 37.

## Educação e Participação Social Conquistas e Desafios

Muitas crianças lidaram com um tirano em sua infância: alguém que não é necessariamente um pai ou uma mãe. Um parente próximo ou distante, um conhecido ou uma pessoa qualquer pode representar esse tirano. Todas as pessoas autoritárias da minha infância e juventude se juntaram na figura desse pai. Todas as humilhações sofridas dentro e fora da minha casa e do âmbito familiar se materializaram na lapada do chicote na carne do narrador. Como odiei e temi esse pai fictício: um homem duro, áspero e intratável, semelhante ao cacto do poema de Manuel Bandeira: um cacto imponente e grandioso que tomba na rua. Assim também me pareceu o pai do narrador: um pai que tomba, desmorona diante das adversidades da vida: a dele e a dos outros. Porque esse homem ríspido, de uma rispidez implacável, devia sofrer e claudicar, como qualquer pessoa. Essa complexidade do ser humano Graciliano Ramos explora nessas frases, logo depois da surra:

*“Tive a impressão de que ia falar-me: baixou a cabeça, a cara enrugada serenou, os olhos esmoreceram, procuraram refúgio onde me abatia, aniquilado. Pareceu-me que a figura imponente minguava – e a minha desgraça diminuiu”.*

Esta passagem notável atenua a brutalidade do pai, humanizando, em parte, o que há de monstruoso nele, pois os olhos esmorecem e procuram refúgio onde o filho está acuado. E enquanto a figura imponente e violenta do pai minguava, a desgraça do filho diminuiu.

À semelhança de certos leitores que desistem de escrever depois de ter lido Proust, Tolstói ou Guimarães Rosa, eu pensei: é impossível escrever uma linha depois da leitura de *Infância*.

Talvez vocês considerem *Angústia* e *São Bernardo* os romances mais significativos da obra de Graciliano. E talvez vocês tenham razão. Mas estas duas obras-primas eu só li anos depois, quando já estava embebido nas páginas de *Infância*. Ainda hoje eu o considero um livro perfeito. Cada quadro ou capítulo, um mundo. E, aos poucos, esses quadros se entrelaçam, dialogam entre si, dialogam com o leitor e formam um mundo ficcional rico de detalhes geográficos, linguísticos, humanos; um mundo em que a carência social – tal como em *Vidas Secas* – é também carência de saber. Só um leitor mais maduro é capaz de perceber a relação entre o narrador adulto que fala de sua infância e a criança que é rememorada por esse mesmo narrador. O que à primeira vista ou na primeira leitura de um jovem pode ser considerado uma narrativa autobiográfica, revela-se, com o passar do tempo, uma poderosa e complexa construção ficcional.

“O que é o inferno”, pergunta a criança a sua mãe? Uma pergunta sem resposta, como são as perguntas da grande literatura.

É essa literatura que forma bons leitores, uma literatura que nos faz pensar sobre as relações sociais e simbólicas de uma sociedade e nos convida a refletir sobre nós mesmos. E no centro dessa literatura reside o trabalho com a linguagem, que é o elemento constitutivo da poesia e da prosa de ficção. Às vezes um escritor tem ideias fantásticas, mas, como escreveu Zola, um romance não é feito com ideias, e sim com palavras. E não



ENCONTRO

## Educação e Participação Social Conquistas e Desafios

apenas com palavras, mas também com modos de construir personagens e conflitos, e moldá-los num todo orgânico e coerente, capaz de convencer o leitor de que há uma verdade nas palavras lidas. E a verdade da literatura não passa por uma indagação ou reflexão ontológica: trata-se da verdade das relações humanas.

Eu me deparei com estas questões quando, ainda jovem, tentei escrever um romance, mas esta tentativa foi um verdadeiro fracasso. Sobravam-me ideias e não me faltavam palavras, mas as palavras escritas não me convenciam. Há um sentimento de frustração quando se fracassa, mas o fracasso faz parte da nossa aprendizagem moral e profissional. Eu era um jovem arquiteto de 27 anos que havia saído do Brasil para morar em Madri. Queria exorcizar minha carreira incipiente de arquiteto e alimentava o sonho romântico de me tornar escritor na Europa. E como eu morava e escrevia num quatinho mal iluminado do sexto andar de um edifício sem elevador, eu pensava que o sofrimento físico e moral seria uma espécie de musa inspiradora para o romance que estava escrevendo. Mas não era um romance, e sim um texto cru, superficial, subtraído de uma verdade interior. Era, antes, uma crônica política mal costurada, cheia de jargões, com personagens que não passavam de títeres ou ventríloquos. Durante uns sete meses em Madri, e mais uns cinco meses em Barcelona, insisti teimosamente nesse fracasso, e quanto mais sofria, mais me perdia num emaranhado de clichês que podia ser tudo: texto jornalístico, inventário de denúncias, crônica política, mas nunca um romance. Quando percebi que esse manuscrito não tinha uma saída nem salvação, abandonei-o por completo, e eu mesmo me senti abandonado pelas musas inspiradoras ou pelo sopro do espírito santo.

Foi então que me lembrei – ou algo em mim foi revelado, como o alumbramento de Bandeira – das vozes do passado, de cenas da minha infância, do convívio com os mais velhos em Manaus, de um mundo, enfim, que estava adormecido ou ocultado na minha memória e que, aos poucos, reaparecia como uma verdadeira possibilidade de se tornar uma trama ficcional. Ainda demorei uns cinco anos para escrever esse romance que, em sua origem, era um conto ou uma narrativa breve. Foi um trabalho árduo com as palavras, um trabalho que envolveu a escolha e o tom do narrador – uma mulher –, e estratégias narrativas. O fato é que só terminei este manuscrito em 1987, e ainda tive que esperar dois anos para publicá-lo.

Em 1989, lancei este romance em Manaus. Já não me lembro do mês nem do dia desse lançamento, mas recordo que foi na biblioteca municipal, um edifício grandioso, de estilo neoclássico, construído durante o fausto da economia da borracha. Em 1989 eu morava em Manaus, onde lecionava língua e literatura francesas na Universidade Federal do Amazonas. Eu tinha saído da minha cidade em dezembro de 1967 e, depois de ter morado em Brasília, São Paulo, Santos, Madri, Barcelona e Paris, voltara a minha cidade em 1984, quando ingressei na universidade. Por sorte, e talvez por ter alguma qualidade estética, esse primeiro romance ganhou um prêmio importante, teve uma boa receptividade crítica em São Paulo e no Rio e foi traduzido em várias línguas. Mas o que de fato me comoveu foi o episódio que vou contar para vocês.

Eu autografava o livro na biblioteca da minha cidade e, de vez em quando, parava para tomar um gole de guaraná e reparar no estado lamentável da biblioteca. Além disso, eu sabia que essa biblioteca não renovava seu acervo havia mais de um ano. Enquanto observava as paredes descascadas, as lâmpadas queimadas, e pensava com tristeza no descaso das autoridades por essa biblioteca histórica, tão vital para as pessoas interessadas na leitura, percebi que uma senhora muito elegante estava diante de mim, à espera de uma dedicatória no livro já aberto. Saí do meu devaneio lamentoso e olhei para o rosto dessa mulher, que não me era totalmente desconhecido, mas que minha memória não conseguia identificar. Às vezes a lembrança é reavivada por um gesto ou pela mudança de posição do corpo. Por educação, me levantei para cumprimentar essa leitora idosa e, para minha surpresa, ela me abraçou calorosamente. Este gesto de intimidade e carinho, tão brasileiro, me deixou ainda mais curioso. Quando ela disse seu nome – Maria Luísa de Freitas Pinto –, imediatamente reconheci minha professora da escola primária, a mulher que me alfabetizara, que me oferecera livros infantis para que eu os lesse em casa, que me castigara quando eu tinha feito travessuras em sala de aula e que havia sido exigente – de uma exigência implacável – nos cinco anos em que fui seu aluno. De repente, uma torrente de lembranças do tempo do grupo escolar Barão do Rio Branco me veio à mente: o cheiro das frutas e das flores vermelhas do enorme jambeiro, essa bela árvore de copa adensada, cujas sementes haviam sido plantadas no Brasil por portugueses que as trouxeram da Índia; recordei o cheiro de umidade do porão da escola: um lugar escuro, sinistro e cheio de teias de aranha, onde mais de uma vez encontramos um mendigo entre carteiras quebradas e lousas empenadas; recordei os rostos de alguns amigos e da diretora da escola, com sua pose hierática e seu olhar severo; recordei os leões de pedra sobre pedestais na entrada do belo edifício neoclássico. Tudo isso passava pela minha memória como se fosse um filme do passado, um filme que eu havia perdido, agora recuperado pelas lembranças. Confesso que fiquei emocionado com a presença dessa professora das primeiras letras, uma espécie de deusa tutelar de várias gerações de crianças amazonenses, das quais eu fazia parte.

Depois de escrever uma dedicatória no livro, ela me agradeceu e abriu sua bolsa, de onde tirou lentamente uma folha de papel pautado, dobrada ao meio e já amarelada pelo tempo. Então ela disse, em tom quase confidencial: “Guardei esta folha por 28 anos, mas sabia que um dia iria mostrá-la para ti. É a tua primeira redação escrita em sala de aula, quando tu tinhas 9 anos e eu era a tua professora”.